

Leituras sociológicas em educação

A contribuição de diversos sociólogos que realizaram um balanço da produção no campo da Sociologia da Educação tem permitido mapear as principais tendências teórico-metodológicas nesse campo do conhecimento. Como mostra essa produção, a Sociologia da Educação tem passado, nas últimas décadas, por importantes mudanças: de um lado, incorporando novas perspectivas de análise, aproximando-se da História com a abordagem sócio-histórica (PETITAT, 1994), utilizando a abordagem etnográfica em seus estudos e com isto aproximando-se da Antropologia; de outro lado, estas mudanças também se dão quanto ao seu objeto de estudo. Na expressão de Dandurand e Ollivier (1991), ocorre uma explosão do objeto da Sociologia da Educação, com a incorporação de questões anteriormente negligenciadas, como a relação professor-aluno, a sala de aula e a instituição escolar, o currículo, entre outras temáticas ¹.

A coletânea aqui apresentada não teve por objetivo dar continuidade a esse importante trabalho que permite conhecer as transformações que se operam no interior da disciplina, influenciadas por outras que são exteriores ao próprio campo do conhecimento (VAN ZANTEN, 1999) ². Nosso interesse foi reunir um conjunto de textos, produzidos por pesquisadores de diferentes instituições, num convite à explicitação de sua problematização sociológica no campo da pesquisa educacional.

Tanto no exterior quanto no Brasil não se pode deixar de reconhecer, especialmente nas últimas décadas, um esforço considerável dos sociólogos da educação para compreender os fenômenos escolares nas suas relações com a sociedade e, conseqüentemente, desvendar os mecanismos de produção e reprodução das desigualdades sociais e educacionais. O estudo dessas relações tem se apoiado tanto em análises macrosociológicas quanto naquelas que elegem dimensões microsociais da realidade, conforme se pode observar nos textos presentes nesta coletânea.

Iniciamos, assim, a apresentação do que denominamos “leituras sociológicas em educação”, com o tema da relação com o saber, o qual foi até pouco tempo se condorizado na Sociologia da Educação. Sobre ele tivemos a oportunidade de discutir recentemente com o professor Bernard Charlot, em um encontro realizado na UFSC. O texto denominado “Relação com a escola e o saber nos bairros populares” é resultado desse

encontro, em forma de conferência, durante a qual o professor abordou questões teóricas e empíricas que fundamentam sua análise dos processos presentes nessas relações. Em 1987 o autor criou o grupo de pesquisa ESCOL – Educação, Socialização e Coletividades Locais – do Departamento de Ciência da Educação da Universidade Paris VIII. Com uma equipe de pesquisadores, o grupo tem proporcionado uma contribuição importante para a compreensão de certas problemáticas educacionais voltadas para as relações dos alunos com a escola e o saber – especialmente nos meios socialmente desfavorecidos. Crítico do emprego genérico do termo fracasso escolar, ele tem se dedicado à elaboração de bases teóricas e empíricas para responder a questões fundamentais para aqueles que ensinam, entre elas: qual é a relação dos alunos com a escola e com o saber? Qual o sentido por eles atribuído ao fato de ir à escola? Os resultados vão mostrar que tanto o êxito quanto o fracasso na escola fazem parte de um processo complexo, onde interagem fenômenos heterogêneos, que não podem ser reduzidos à presença ou à ausência de um ou outro fator isoladamente. Essa problemática da relação do aluno com o saber tornou-se um capítulo importante na Sociologia da Educação, como mostram livros recentes que examinam as tendências atuais da produção nessa área.

A segunda contribuição, igualmente, se volta para os saberes, mas em outra perspectiva. Trata-se de uma leitura, ou melhor, um “mergulho” etnográfico sobre a prática da docência na universidade, revelado nesse belo texto intitulado “Professor e culturas: refletindo contextos”, do professor Massimo Canevacci, da Universidade de Roma. Apoiado em depoimento sobre sua trajetória como aluno e depois como professor, Canevacci questiona a didática que percebe a aula como uma comunicação neutra do saber por meio de palavras, sem se preocupar com tantas outras linguagens que entram em cena, como, por exemplo, a linguagem do corpo, as inflexões, as pausas, o clímax que pode ser alcançado. Estas observações levam-no a propor a aula como um concerto, onde cabe a improvisação. A improvisação, diz ele, pode dissolver os velhos códigos e originar códigos antes inexistentes ou percebidos como insignificantes. As aulas na universidade podem, então, transformar-se em espaços de novos saberes, sendo a universidade não somente o lugar do saber produzido mas o espaço inventivo de saberes diversos.

Os artigos que são a seguir apresentados possibilitam outras contribuições voltadas especialmente para o tema das desigualdades sociais e escolares e em torno de questões teórico-metodológicas da pesquisa educacional, numa perspectiva sociológica.

Embora não fosse tendência dominante em meados do século XX, João Roberto Moreira antecipava, com originalidade, a articulação entre as dimensões macro e micros social, a qual passou a ganhar espaço crescente na Sociologia da Educação a partir dos anos 70, com a crise dos paradigmas da reprodução. O texto da professora Lea Paixão (UFF) denominado “O catarinense João Roberto Moreira, um sociólogo da educação esquecido” resgata a contribuição desse intelectual catarinense que teve projeção nacional, sobretudo a partir de sua atuação em Santa Catarina, quando dirigiu o Instituto de Educação de Florianópolis (anos de 1940). É sobre a produção do período de atuação de João Roberto Moreira no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos que o artigo vai se debruçar (anos de 1950 e início dos anos de 1960). Mostra as dimensões da análise sociológica do autor quanto ao caráter micro da realidade escolar, como fracasso escolar, relação família-escola, entre outros temas hoje privilegiados pela Sociologia da Educação. Por outro lado, conforme a autora, do ponto de vista macros social Moreira tratou de uma questão central dos anos 1950/60: a relação entre educação e desenvolvimento. Pelas características de sua obra, coerente com as especificidades institucionais e intelectuais do campo das Ciências Sociais do período, João Roberto Moreira é analisado como parte da história da Sociologia da Educação no Brasil.

O artigo intitulado “A escola francesa se democratiza, mas a inserção social torna-se cada vez mais difícil”, do professor Gabriel Langouët (Universidade René Descartes e pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa Científica – CNRS), oferece elementos para uma problematização das mudanças voltadas para a democratização do ensino e suas relações com as transformações sociais e históricas da sociedade. Apoiado em dados estatísticos referentes à realidade educacional francesa, o artigo analisa os avanços e os limites das medidas de democratização da educação aplicadas na França, sobretudo na segunda metade do século XX. Desde o final da década de 50, os novos objetivos estabelecidos para a escola francesa são de democratização e de adaptação às evoluções sociais e sócio-profissionais que necessitam de níveis mais elevados de qualificação. Nesse sentido, o sistema de ensino no seu conjunto não fracassou

nos seus objetivos, pois no decorrer dos últimos anos, como mostra o autor, houve uma ampliação global das chances escolares. No entanto, se o acesso de uma grande parcela de alunos aos diversos níveis do sistema de ensino francês se acelerou, o crescimento da demografia escolar nem sempre foi acompanhado de sua democratização. A principal questão que o artigo procura abordar é a da relação que se pode estabelecer entre formação escolar e emprego. Relacionando o aumento das oportunidades educacionais e os índices de emprego, o estudo indica que, apesar da evolução não negligenciável dos sistemas de ensino e da conseqüente prolongação dos níveis de formação da população francesa, as desigualdades sociais se perpetuam, e a escola ainda exerce um papel importante na reprodução social. Se durante o período de pleno emprego, e até o início dos anos 80, democratização escolar e democratização sócio-profissional ou social marcharam sensivelmente no mesmo passo, no período mais recente essa relação foi profundamente alterada.

Dentre os autores clássicos na Sociologia, P. Bourdieu tem representado uma contribuição importante para a compreensão dos mecanismos de perpetuação das desigualdades sociais numa sociedade dividida em classes. No artigo “Espaço social e espaço simbólico: introdução a uma topologia social”, os professores Gilson R. de M. Pereira (FURB) e Afrânio M. Catani (USP) partem de categorias presentes na obra do autor para mostrar a importância de sua sociologia para a análise do sistema de ensino. Argumentam que a tarefa da sociologia bourdiana é fornecer a base argumentativa para a compreensão da escola. Neste sentido, é uma sociologia “desencantada”, embora não “cínica”, pois oferece ferramentas para o uso da razão crítica. Trazendo à luz os mecanismos da dominação simbólica, os autores mostram que Bourdieu oferece a possibilidade de apreensão objetiva das estratégias desta dominação que, uma vez conhecidas, podem ser combatidas e minimizadas. Advertem os autores que embora as proposições teóricas de Bourdieu sejam importantes e os conceitos desenvolvidos por ele sejam muito ricos, estes não devem ser interpretados como prontos e acabados ou transpostos e aplicados aos diversos domínios da realidade social, como a educação. Enfatizam que o essencial da sociologia praticada por Bourdieu é o modo de pensar relacional e a forma de colocar as questões e não os resultados particulares, conceitos e teorias .

O artigo seguinte contribui para pensar o ensino superior no Brasil: o conflito entre as organizações públicas e privadas. Em “Sociedade civil e setor privado do ensino superior no Brasil”, o professor Paulo Meksenas (UFSC) mostra como a categoria “sociedade civil”, para análise dos movimentos e da dinâmica da realidade social no mundo contemporâneo, vem acompanhada, no Brasil, de leituras de Hegel, Habermas, Cohen e Arato. Por outro lado, aponta Meksenas, Marx é posto de lado e abandona-se a concepção de sociedade civil como espaço público dos interesses privados da burguesia. As pesquisas, segundo o autor, definem sociedade civil como caixa de ressonância dos grupos sociais com identidade formada na esfera da cultura, não mais nas relações sociais de produção. Aborda o autor, a partir destas colocações, a dinâmica do ensino superior no Brasil, identificando as principais entidades patronais deste nível de ensino e mostrando que elas representam os mais diversos e antagônicos interesses privados no campo da sociedade civil brasileira. Ressalta que a sociedade civil tem se apresentado para a questão do Ensino Superior no Brasil como um espaço das relações sociais de produção, buscando as entidades patronais deste nível de ensino influir nas esferas de decisão do Estado e realizar os interesses privados da burguesia do ensino.

Três outros artigos elegem como questão central de análise a infância e a juventude na pesquisa educacional. O primeiro, denominado “Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate”, da professora Jucirema Quintero (UFSC), traz uma série de reflexões em torno da emergência de uma sociologia da infância. Mediante uma retrospectiva histórica, baseada em estudos sobretudo de língua inglesa e francesa, a autora procura caracterizar o lugar que a infância ocupou nas Ciências Humanas e Sociais e, em especial, na Sociologia. O artigo apresenta também uma contribuição para uma sistematização da produção do mesmo tema no Brasil. Conforme destaca a autora, esses trabalhos “vão surgir em oposição à concepção de infância considerada como um simples objeto passivo de uma socialização orientada por instituições ou agentes sociais”. O interesse é problematizar as razões da ausência da infância no desenvolvimento do pensamento sociológico e a atual presença de um movimento apoiado em sociólogos que reivindicam a constituição de referências teórico-metodológicas capazes de produzir uma compreensão social da infância, tendo a criança como sujeito e não como objeto da investigação sociológica. Dentre as principais questões levantadas destacam-se aquelas referentes à socialização da criança e sua escolarização.

As considerações do texto anterior, apoiadas na necessidade de considerar a infância como construção histórico-social, constitui em pano de fundo de dois textos desta coletânea voltados para uma sociologia da juventude. Uma revisão da produção desse mesmo tema na pós-graduação brasileira (SPOSITO, 2000), com ênfase especial na Sociologia, mostra que “trata-se de um objeto de estudo ainda pouco consolidado na pesquisa, não obstante a sua importância política e social”⁵.

No artigo “Experiências educativas da juventude: entre a escola e os grupos culturais”, as professoras Janice Tirelli Ponte de Souza (UFSC) e Olga Celestina S. Durand (UFSC), apoiadas em uma produção voltada para a sociologia da juventude, discutem as orientações teóricas dos processos de socialização e de escolarização nas suas relações com as experiências juvenis. O texto levanta questões relacionadas à constituição da categoria juvenil na sociedade contemporânea, marcada nas últimas décadas por transformações sociais, econômicas e culturais, e nas instituições tradicionais de socialização dos indivíduos, como a família e a escola. Nesse contexto de transformações históricas e sociais, o artigo desenvolve uma análise voltada para as práticas dos jovens como elementos de produção e de resistência sócio-cultural e educativa, enfatizando a sua expressão e sentido político e social.

O segundo artigo sobre juventude, denominado “Jovens brasileiros e europeus: identidade, cultura e ensino de história (1998-2000)”, da professora Maria Auxiliadora Schmidt (UFPR), tem como objetivo saber como jovens alunos do ensino médio de escolas públicas brasileiras se relacionam com o conhecimento histórico escolar. A perspectiva da “invenção da juventude”, conforme Ariès, Levi/Smitt e Galland, a qual mostra a necessidade de se pensar o jovem enquanto construção social e histórica, ao mesmo tempo que contempla certas ambigüidades que foram caracterizando esta idade da vida. A discussão está apoiada em pesquisa preocupada em tomar o jovem a partir do seu envolvimento no cotidiano escolar e numa perspectiva de análise que busca, conforme a autora, superar tanto o “otimismo” quanto o “reprodutivismo”. A autora parte da conceituação histórico-sociológica da juventude e de sua contextualização numa determinada sociedade urbano-industrial, procurando entender as articulações entre o processo de construção do conhecimento entre os jovens e a construção do futuro.

A Sociologia da Educação tem fornecido contribuição importante no que concerne à formação docente. Entre as diferentes temáticas que essa questão engloba, têm constituído objeto de estudo sociológico: a formação inicial e continuada, a escolha da profissão, a identidade profissional, entre outras.

Em “Da ‘identidade vocacional’ à ‘identidade profissional’: a constituição de um corpo docente unificado”, a professora Ione Ribeiro Valle (UDESC) discute a transformação de uma identidade vocacional dos professores para uma identidade profissional. Marcada pela formação elaborada nas escolas normais, a identidade vocacional dos professores está relacionada, segundo a autora, àquelas categorias que herdamos sem desejar e que modelam nossas condutas sem que tenhamos consciência disto. Utilizando Durkheim, a autora vê a formação destinada às mulheres dada pelas escolas normais, que forjam a atividade de ensinar numa concepção de dom e vocação, tipicamente femininos. Ela discute esta questão a partir de Bourdieu, Baudelot e Establet, afirmando que as Escolas Normais difundem uma ordem simbólica com vistas a construir uma identidade vocacional fundada numa identidade feminina. Utilizando dados referentes aos professores catarinenses, discute a emergência de uma nova identidade qualificada como profissional, ligada à profissionalização implementada pelas reformas educacionais do regime autoritário. Conjuga portanto, segundo sua análise, interesses comuns e contraditórios das esferas administrativas, das esferas representativas do pessoal da educação e dos próprios professores. Conclui enfatizando que a formação universitária (ampliada depois da promulgação da nova LDB/1996) contribuiu para a consolidação de uma nova identidade profissional mais ou menos homogênea, alertando que as circunstâncias institucionais nas quais é construída essa nova identidade podem levar à retomada de valores e virtudes tradicionais.

Encerrando esta coletânea, o texto seguinte apresenta resultados de pesquisa sobre o ruralismo em Santa Catarina. Em “Clube Agrícola em Santa Catarina: ruralismo e nacionalismo na Escola”, a professora Neide Almeida Fiori (UNISUL) analisa o ruralismo como um movimento político e sistema de representação, enfatizando os agentes e as agências responsáveis pela sua implementação. Assim, pesquisa os Clubes Agrícolas Escolares e os alunos-sócios do período compreendido entre 1930 e 1945. Indica a

autora que a visão da escola como instituição capaz de aglutinar os alunos em torno de assuntos agrícolas é bastante antiga e vários nomes ocuparam-se do assunto, entre eles Alberto Torres (1865-1917), cujo pensamento foi apropriado pelos intelectuais da década de 1930. Nas discussões sobre os rumos do ensino nesse período, destaca dois fatores importantes que influenciaram tal discussão: o êxodo rural e a nacionalização. Tanto para as populações de origem brasileira como para a população de origem estrangeira, era urgente a implantação de escolas rurais e a criação de um consenso em torno de idéias-base referentes ao ensino rural, incluídas aí idéias relacionadas aos Clubes Agrícolas. Finaliza a autora dizendo que falar da importância do mundo rural pode gerar perplexidade, uma vez que a década de 1940 é conhecida pela urbanização e pelo forte processo de industrialização. Mas lembra que a modernização do país colocaria o mundo rural em posição de integração subordinada, e só assim pode-se compreender que se cultive nesse período uma escola tradicionalista e conservadora nas zonas rurais, onde os clubes agrícolas funcionavam como tática de ação.

Concluimos a apresentação desta coletânea com nossos agradecimentos a todos os que colaboraram com a sua realização, em especial aos colegas que responderam ao nosso convite enviando os textos aqui reunidos. Ao socializar esse material, nosso objetivo foi proporcionar questionamentos e novas formas de problematização e interlocução entre pesquisadores em torno da pesquisa sociológica em Educação.

Nadir Zago (UFSC)

Maria das Dores Daros (UFSC)

- 1 Para uma análise mais aprofundada das tendências em Sociologia da Educação indicamos, entre outras referências: PETTITAT, A. *Produção da escola. Produção da sociedade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994; DURU-BELLAT, M.; VAN ZANTEN, A. *Sociologie de l'école*. 2 ed. Paris: Armand Colin, 1999;

DANDURAND, P. & OLLIVIER, É. Os paradigmas perdidos. Ensaio sobre a sociologia da educação e seu objeto. *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n. 3, p.120-142, 1991; NOGUEIRA, M. A . a Sociologia da Educação do final dos anos 60/início dos anos 70: o nascimento do paradigma da reprodução. **Em Aberto**, Brasília, ano 9, n. 46, p.49-58.

- 2 Para uma análise desta questão, ver VAN ZANTEN, A . Saber global, saberes locais : evoluções recentes da Sociologia da Educação na França e na Inglaterra. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n.12, p. 48-58, set/out/nov/dez. 1999.
- 3 Ver entre outras referências : Van Zanten, A . (org.). *L'école l'état des savoirs*. Paris : La découverte, 2000.
- 4 Em outro artigo, os mesmos autores fazem um resgate da apropriação da obra do autor no Brasil. Ver: Catani, A . M.; Catani, D. B; Pereira, G. R. de M. Pierre Bourdieu: as leituras da sua obra no campo educacional brasileiro. TURA, M. L. R. (org.). *Sociologia para educadores*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.
- 5 Conforme balanço da produção discente na Pós-Graduação em Educação de 1980-1998. In: SPOSITO, M. (org.) *Estado do conhecimento: juventude*. Relatório de pesquisa, 2000, p. 6.